



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR LUIZ CLAUDIO FERREIRA

A interseção literatura-jornalismo e o personagem marginal na produção de Marçal Aquino

PEDRO DE OLIVEIRA RAMOS
RA: 2046302/0

Brasília, junho de 2008.

PEDRO DE OLIVEIRA RAMOS

**A interseção literatura-jornalismo e o personagem
marginal na produção de Marçal Aquino**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Professor orientador Luiz Claudio Ferreira

Brasília, junho de 2008.

PEDRO DE OLIVEIRA RAMOS

A interseção literatura-jornalismo e o personagem marginal na produção de Marçal Aquino

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Professor orientador Luiz Claudio Ferreira

Banca Examinadora
Brasília, de junho de 2008.

Professor Luiz Claudio Ferreira
Orientador

Professor Paulo Paniago
Examinador

Professor Sérgio Euclides
Examinador

Dedico este trabalho às minhas 'mães', Clarissa e Lú, e 'pais', Paulo, Amaro e Nato. Ao meu avô, Amaro, pelo patrocínio de vários livros utilizados nesta pesquisa e pelo empréstimo da máquina de escrever (e por tantas outras coisas); e, em especial, à minha avó Lucy, que me ensinou a ler.

Agradecimentos:

Ao professor e jornalista Luiz Claudio Ferreira, e ao jornalista e escritor Marçal Aquino, pela atenção e paciência.

RESUMO

Pesquisa acerca da prática jornalística e literária, e suas características, na produção de Marçal Aquino. Verifica a presença de influência da obra literária na produção de repórter do autor, bem como do contrário: a presença da mão jornalística nas suas obras de ficção e a preferência, nos dois contextos, por personagens marginais. A pesquisa é feita através de teorias das duas atividades, de autores como Umberto Eco, Italo Calvino, Clóvis Rossi, Tânia Pellegrino, Nicoli Glória de Tassis, entre outros, aplicadas em textos de Aquino, retirados tanto de livros quanto de jornais.

Palavras-chave: Comunicação social, Jornalismo, Literatura, Marçal Aquino.

SUMÁRIO

1) Introdução	9
2) Jornalismo e literatura: interseções.....	13
2.1) Origens	13
2.2) Escrevendo para o mercado.....	14
2.3) O autor.....	18
2.4) Marçal Aquino e o personagem marginal	20
3) Jornalismo com cara de literatura	25
4) Literatura com cara de jornalismo	30
Tabela I. Características dos principais personagens – jornal	35
Tabela II. Características dos principais personagens – livros.....	36
5) Conclusão	39
6) Bibliografia	41
7) Apêndice A – Entrevista com Marçal Aquino	45
8) Anexos	48

1) Introdução

Não fossem os textos de Marçal Aquino, provavelmente nunca conheceríamos o sem-teto Cipriano Samuel do Nascimento e o guerrilheiro revolucionário Sottomayor. Em comum, eles só têm mesmo o fato de serem personagens marginalizados, além de terem sido “crias” do autor. A maior diferença entre eles, no entanto, é que um (Cipriano) existe de fato e foi tema de uma matéria jornalística, e o outro (Sottomayor) só vive, até onde se sabe, em ficção. Mas poderia ser o contrário:

Cipriano Samuel do Nascimento não paga aluguel, não sabe o que é IPTU e não está preocupado com os aumentos das tarifas de água e luz: há dois meses, ele está morando em pleno canteiro central da avenida Rio Branco; esquina com a rua Vitória, no centro da cidade. (1988c, p.11)

[...] Sottomayor e Teresa passaram horas escondidos dentro de um porão, enquanto soldados chilenos vasculhavam a parte de cima da casa à procura dos dois. [...] Teresa diz que o baú era apertado até mesmo para uma criança e não sabe explicar como conseguiram ficar lá dentro até a patrulha encerrar a visita à casa.[...] (1999, p.41)

Dentre os escritores jornalistas de maior destaque da nova geração está o paulista Marçal Aquino, que, por esta proeminência atual e por já ter atuado com destaque nas duas esferas, terá sua produção analisada nesta pesquisa. Autor, entre outros, dos romances *O Invasor*, *Cabeça a prêmio* e *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*, além das coletâneas de contos *Faroestes*, *O amor e outros objetos pontiagudos*, *As fomes de Setembro*, *Miss Danúbio* e *Famílias terrivelmente felizes*, teve ainda contos e livros adaptados para o cinema (principalmente pelo cineasta Beto Brant), com destaque para *Matadores* e *O Invasor*. Antes de dedicar-se inteiramente à carreira de escritor, trabalhou como revisor, repórter e redator nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*.

Qual será, então, a influência da visão de repórter na literatura do autor, e vice-versa? Haverá presença direta da linguagem e formato do texto de jornal na maneira que Marçal Aquino conta suas histórias? Pode-se, por exemplo, no material escolhido

para a pesquisa, apontar logo de início uma característica comum e marcante em todos os textos do autor: a utilização de personagens marginais. Estes que vivem o cotidiano real são, segundo o próprio Aquino, essenciais em sua produção:

[...] O que me interessa é contar uma história, e nesse ponto os personagens surgem já atrelados à narrativa. Simples assim. Um compromisso, porém, é sempre buscar o que há de humano nos personagens. É nessa literatura que acredito. (2008, entrevista por escrito)

O trabalho com o texto, fundamental na prática jornalística, muitas vezes acaba por levar profissionais jornalistas à carreira de escritor. A linguagem e a temática dos dois formatos também são semelhantes a ponto de, por vezes, se confundirem. O hábito da leitura e incentivo a jovens autores no Brasil, por exemplo, ganha força, “às portas do século 20”, devido à interação de livros e jornais, como destaca Nicoli Glória de Tassis:

[...] os homens das letras encontram maior espaço nos jornais, substituindo em grande parte o ofício dos jornalistas revolucionários. A inserção do folhetim nos periódicos começa a formar um público para a ficção nacional e também para os jornais. A imprensa demonstrava um incrível potencial de alcance em um país de poucos leitores e livrarias. [...] O jornalismo se torna assim, a opção mais viável para os aspirantes a escritor. (2007, p. 148)

Ainda segundo Nicoli, a própria linguagem utilizada nos jornais brasileiros sofreu influência direta da produção ficcional:

[...] foram eles mesmos, os literatos, que trouxeram para o fazer jornalístico a estética e os preceitos de uma literatura moderna, que economizava palavras e primava pela informação, muito antes que os lides, sublides e pirâmides invertidas fossem copiados do modelo americano. (2007, p.152)

Talvez por isto a literatura seja um caminho tão natural para os jornalistas: as duas atividades têm o objetivo prático de fazer um relato, contar uma história. O jornalismo literário, por exemplo, alternativa ao lide, pirâmide invertida e objetividade características dos jornais, utiliza-se de recursos das duas ‘escolas’, transmitindo notícias com elementos mais atrativos e de forma menos objetiva, uma espécie de

literatura não-ficcional. Alguns jornalistas adquiriram notoriedade por esta prática, principalmente nomes norte-americanos como Truman Capote, Gay Talese e Hunter Thompson (este considerado criador de um outro estilo, ainda mais subversivo, o jornalismo *gonzo*). O que observaremos aqui, no entanto, é a possibilidade de existência de uma “literatura jornalística”, ou a prática de escrever textos literários com elementos noticiosos. Esta, uma tendência mais atual: produção de obras ficcionais com influência contundente de fatos reais e cotidianos, como a violência, por exemplo, que também aparece corriqueiramente nas páginas dos jornais. Por ser um tema cada vez mais próximo e presente, é abordado com frequência na literatura de Marçal Aquino. De acordo com Eliane Pereira da Silveira, neste caso, a literatura acompanhou a temática da produção jornalística:

Uma das interpretações possíveis seria, então, que estas narrativas nos remetem não apenas a um problema social contemporâneo – a violência –, sem que haja necessariamente um fim crítico nisso, mas também condições histórico-sociais diferenciadas (às quais Lyotard denomina condições pós-modernas), em que o conhecimento da realidade é inevitavelmente intermediado pelas mais diversas representações postas em circulação pelos meios de comunicação. (2007, p.5)

Pesquisar a escrita e particularidades da linguagem de Aquino deve ser, portanto, importante e útil, não apenas para estudantes de comunicação, mas para entusiastas culturais e sociais de toda ordem. Se estivermos realmente passando por uma espécie de revolução no que diz respeito à produção artística recente, Marçal Aquino (com as devidas influências de alguns antecessores) certamente será um dos responsáveis por isso.

Esta monografia buscará, desta forma, verificar a representação de personagens marginais na obra do autor, através da análise de cinco matérias produzidas por ele para o *Jornal da Tarde*, no período de março a maio de 1988 (período de publicação constante), e dos contos *Novas cartas paraguaias*, *Onze jantares*, *Boi* e *Partilha 1*, também escritos por Marçal Aquino e publicados nos livros *O amor e outros objetos pontiagudos*, de 1999, e *Famílias terrivelmente felizes*, de 2003, e identificar como ele caminha pela linha tênue que separa os formatos livro e jornal, na tentativa de

estabelecer se existem nuances literárias na produção jornalística de Marçal e, a outra face, se existem características jornalísticas nos textos de ficção do autor.

2) Jornalismo e literatura: interseções

2.1) Origens

Jornalismo e literatura caminham juntos “desde o surgimento dos jornais impressos da cultura ocidental” (TASSIS, 2007). Como não eram ainda precisos o papel e a figura do jornalista profissional, escritores da época introduziram, a partir da experiência com o texto, o modo de se escrever em jornal, como explica Nicoli Glória de Tassis:

[...] o fazer literário se constituía num alicerce em que o jornalismo, como prática emergente, poderia buscar seus contornos em um primeiro momento [...] Assim, os primeiros profissionais a escreverem para os jornais eram especialmente os literatos da época. (2007, p. 144)

E não só no apreço pela escrita convivem as semelhanças entre as práticas. A própria essência das duas atividades, principalmente no que diz respeito aos jornalistas escritores, confunde-se. Dois períodos de rígido controle da produção informativa e cultural no Brasil – a colônia e a ditadura militar – exemplificam bem como o cerne das duas profissões é basicamente o mesmo. Durante esses dois momentos, tanto jornalistas como escritores passavam pelas mesmas dificuldades de ordem política, como censura e direcionamento de conteúdo. Ainda assim, ambos procuravam cumprir um papel social (também bastante presente nas duas atividades) de crítica, denúncia e busca de identidade brasileira naqueles contextos. Durante a ditadura, por exemplo, um dos caminhos seguidos para driblar as restrições e tentar cumprir esta função foi o livro-reportagem, evidente mistura entre jornalismo e literatura já utilizada em outros momentos da história brasileira. Para Alex Sander Alcântara, o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, foi o precursor do gênero no Brasil:

A obra-prima de Euclides, que narra o massacre de Canudos como “crime”, é um hibridismo que abriga ensaio, reportagem, literatura, tragédia, história, mas é produto de uma observação jornalística e fruto

da análise do maior fenômeno de imprensa já visto no país, a Guerra de Canudos. (17/5/2005, Observatório da Imprensa)

As intempéries ditatoriais, inclusive, são consideradas responsáveis diretas pelo surgimento de uma variação do gênero, o romance-reportagem.

Uma das primeiras explicações para a existência do romance-reportagem no Brasil foi a ação da censura [...] o romance-reportagem seria o resultado ou sub-produto da censura e da repressão do regime ditatorial no campo do jornalismo [...] Essa relação íntima não se fez gratuitamente. De acordo com a crítica, o clima de jornal da literatura dos anos 1970 foi determinado pela ditadura militar. (COSSON, 2002, p.61)

Jornalistas e escritores, desta forma, passam a exercer este papel de contestação, fiscalização, agentes da mudança e da reportagem dos fatos. O próprio Marçal Aquino descreve esta essência do literato, no conto *Bianca*, 17:

[...] Graças a ela descubro que sou Rato no horóscopo chinês. E que, como nativo deste signo, não hesito em apontar os erros alheios e adoro criticar, bisbilhotar e fazer reparos. Tenho também tendência a ficar nervoso e ríspido [...] E meu apego a minúcias justifica plenamente o fato de ser escritor. (1999, p. 87)

Um outro jornalista escritor, Manuel Rivas, também discorre sobre o assunto, porém englobando as duas atividades e em formato não-ficcional: “Quando têm valor, o jornalismo e a literatura servem para o descobrimento da *outra verdade*, do *lado oculto*, a partir da investigação e acompanhamento de um acontecimento” (1998 apud MEDEL 2002, p. 19). Estabelece-se, desta forma, uma forte conexão entre jornalistas e escritores, que, além de origens semelhantes, viajaram juntos também posteriormente, com princípios e papéis sociais similares.

2.2) Escrevendo para o mercado

O outro lado do balcão, o leitor, também foi educado pela convivência das duas profissões. O hábito da leitura, nos brasileiros, tem origem coincidente com a popularização dos jornais no país. O começo da formação de um verdadeiro público

leitor da ficção nacional se dá a partir da despolitização dos jornais (ou fim da excessiva militância política), que teve início em 1840 após o golpe da maioria de D. Pedro II, episódio que “inaugura um novo tempo de jornalismo no Brasil” (TASSIS, 2007, p. 148).

Ainda de acordo com Tassis, a ideia de publicar fragmentos literários em jornais veio para o Brasil, inicialmente, da França: “Em 1838 – dois anos depois da inserção de um capítulo de romance no jornal francês *La Presse* – a febre do folhetim chega à imprensa brasileira, inaugurando uma era literária em nossos jornais” (2007, p. 148).

Além de “ter sido a literatura a dar à luz ao jornalismo, ou a ampará-lo nos primeiros tempos” (FREITAS, 2008, entrevista on-line), os escritores igualmente souberam utilizar as páginas do jornal para alavancar suas carreiras (cabe ressaltar que, como os folhetins e crônicas impulsionaram as vendas dos jornais, os veículos impressos noticiosos também ganharam muito com isso). Grandes romancistas, contistas e cronistas brasileiros, como Lima Barreto e Nelson Rodrigues, lançaram livros que, inicialmente, haviam sido publicados nas páginas dos jornais, divididos em “capítulos”. Escritores renomados, como Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga também assinaram colunas de jornal em que publicavam suas crônicas periodicamente. O que atraía os leitores (além, é claro, do talento destes autores) era justamente a veia real dos textos: o cronista, apesar de considerado um escritor de ficção, era uma espécie de jornalista do cotidiano, observador dos costumes do cidadão comum, como esclarece Rogério Menezes:

[...] o cronista tem que circular, tem que ouvir, tem que olhar, tem que conversar, tem que agir como se fosse pessoa como outra qualquer, como de fato é, mesmo não sendo (se é que vocês me entendem) [...] O cronista tem que ter cara de paisagem, agir anonimamente, incógnito. Só assim conseguirá chegar perto do mundo real e vê-lo, santíssima pretensão, exatamente como ele é. Ou parece ser. (2002, p. 166)

Não por acaso, uma das mais famosas coletâneas de crônicas de um dos maiores escritores jornalistas brasileiros, Nelson Rodrigues, é intitulada *A vida como ela é*. Nicoli de Tassis, citando Flora Süssekind, conta que esta prática, que já era utilizada no jornalismo brasileiro há algum tempo, incitou o surgimento do gênero literário:

Segundo Süssekind (1990), foi o *Espelho Diamantino* que, em 1828, introduziu no Brasil a idéia de que todo jornal deveria ter um observador de costumes, que registrasse detalhadamente tudo o que presenciasse em suas andanças pela cidade. O trabalho desse *flâneur* dá origem a algo que se convencionaria chamar, tempos depois, de crônica de costumes. (2007, p. 150)

O fim do direcionamento político dos jornais estimulou ainda a criação de outra forma de atração do público leitor, introduzida para manter a vendagem dos impressos. O despertar de emoções através de matérias de jornal ganhou ênfase, as histórias narradas nas notícias, principalmente as que pertenciam à editoria policial, passaram a dissecar crimes e perfis psicológicos e sociais de vítimas e contraventores. Mais do que apenas relatar os fatos de forma concisa e objetiva, como reza a cartilha jornalística, descreviam-se os personagens e o ambiente: características físicas e psicológicas dos envolvidos, histórias de suas vidas, atmosfera, contextos. A ênfase destas matérias estava justamente no apelo emocional que estes personagens despertavam. Esta prática, que, posteriormente, tornou-se conhecida como sensacionalismo, é, segundo Danilo Angrimani citando Ciro Marcondes Filho, amplamente direcionada ao mercado:

Marcondes Filho [...] Caracteriza sensacionalismo como “o grau mais radical da mercantilização da informação: tudo o que se vende é aparência e, na verdade, vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete [...] O jornalismo sensacionalista extrai do fato, da notícia, a sua carga emotiva e a enaltece”. (1995, p. 15)

Muitas vezes os próprios repórteres eram personagens das matérias que cobriam, o que, além de adicionar importância à figura do jornalista, chamava ainda mais atenção do leitor. Mesmo com o direcionamento abertamente voltado para as vendas, este tipo de jornalismo contribuiu de maneira importante para a literatura, principalmente no que diz respeito à atenção aos personagens marginalizados, esquecidos, como o *Boi* de Marçal Aquino:

Não era gordo. Estava sempre inchado – de cachaça das bordoadas da vida. Daí o apelido: Boi [...] Ele se virava com papelões, sob a marquise de um banco, ficando exposto a tudo e a todos. E, às seis da manhã,

precisava cair fora, inclusive aos sábados: o pessoal da faxina nunca se atrasava. (2003, p. 181)

Uma das mais importantes virtudes desta prática de literatura não-ficcional é este destaque dado aos personagens e contextos marginais. O choque e o impacto do real em uma obra literária são semelhantes aos de uma matéria de jornal: abrem os olhos dos leitores para uma realidade com a qual eles possivelmente não tenham contato ou que talvez prefiram ignorar. Exerce-se, desta forma, uma importante função social, como explica Tânia Pellegrini:

Fatos ou ficções? Testemunhos, documentos, depoimentos? Literatura-verdade, romances-reportagens? É grande e variada a nomenclatura que pretende definir (ou não) esses textos, sem que, todavia, nisso se esgote o imenso potencial das discussões por eles aberto, inclusive porque funcionam como uma espécie de fresta para um mundo paralelo e sempre propositalmente ignorado, o qual, para o leitor de classe média, a imensa maioria no Brasil, além de produzir uma atração inescapável, desperta mais uma vez o terror e a piedade ancestrais. (2004, p. 16)

Este é um fenômeno em crescimento no Brasil. Autores de livros e roteiros de cinema com a temática marginal como o próprio Marçal Aquino, Patrícia Melo, Lourenço Mutarelli, entre outros, estão entre os mais lidos do país. A influência de autores como Dalton Trevisan (considerado um dos pais do gênero) e Rubem Fonseca (a quem o próprio Marçal agradece em um de seus livros) nessas obras contemporâneas é inegável. Segundo Tânia Pellegrini: “Nessa linha inserem-se os já clássicos Dalton Trevisan, escrevendo sobre Curitiba, e Rubem Fonseca, no Rio de Janeiro, cujas dicções, totalmente diferentes entre si, foram definidas com precisão: *ferozes* ou *brutalistas*” (2005, p. 137-138). Ainda de acordo com Pellegrini, a influência de Rubem Fonseca nos autores da nova geração é tamanha a ponto de estabelecer-se uma “matriz fonsequiana”, que consolida o gênero policial no Brasil.

A perda de credibilidade da chamada grande mídia brasileira, coincidentemente, acompanha esta tendência. Jornais impressos tradicionais registram queda nas tiragens de seus exemplares, enquanto publicações – que pertencem aos mesmos donos dos

grandes, diga-se – ditas “sensacionalistas” experimentam aumento no número de leitores, como afirmou o jornalista Luis Nassif em palestra no dia 9 de abril de 2008:

A partir de 95 começa uma queda da tiragem dos jornais de opinião, do jornalismo de opinião. Porque você começa a confundir tanto o jornalismo de opinião com a imprensa sensacionalista que o leitor olha e fala: “elas por elas, eu prefiro ir para o jornal sensacionalista”. Então, o *Agora* cresce a tiragem e a *Folha* (de São Paulo) cai. No Rio, o *Extra* sobe e o *Globo* cai. Então você começa a perder presença. A imprensa de opinião passa a perder o peso.

Observa-se então que, ao longo dos anos, jornalismo e literatura, além das várias semelhanças que dividiram, acompanharam as tendências sociais e objetivos um do outro, muitas vezes como se fossem uma só atividade.

2.3) O autor

Esta pesquisa optou por Marçal Aquino, escritor e jornalista, nascido em 1958, na cidade de Amparo, interior de São Paulo. Como já dito no texto introdutório, publicou, entre outros, as coletâneas de contos *As fomes de Setembro* (1991), *Miss Danúbio* (1994), *O amor e outros objetos pontiagudos* (1999), *Faroestes* (2001) e *Famílias terrivelmente felizes* (2003), além dos romances *O invasor* (2002), *Cabeça a prêmio* (2003) e *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (2005). Jornalista por profissão, atuou também como revisor, repórter e redator nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*. A vontade de ser escritor, segundo ele, ganhou força cedo em sua vida:

Eu comecei a ler livros ali pelos nove, dez anos. Até então eu só gostava de quadrinhos. Me apaixonei perdidamente por literatura. Lembro que, pelos 14 anos mais ou menos, já pensava que gostaria de ser escritor. Mas só comecei a escrever (e a mostrar pra amigos) aos 16. O que me levou a escrever foi o fato de gostar de ler, eu não tenho dúvida. Mas tem também a coisa de querer contar histórias, certamente uma herança da minha primeira infância, passada numa fazenda, onde eu ouvia toda noite os causos contados por um povo que não tinha acesso à televisão na época. Acho que são essas as causas principais da minha adesão ao sonho da literatura. (2008, entrevista por escrito)

Vencedor de prêmios literários importantes como o Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, o autor também adapta roteiros para o cinema, tanto baseados em textos de sua autoria como *O invasor*, como de outros autores como *Crime delicado*, baseado na obra homônima de Sérgio Sant’Anna. Nos dois filmes, e em vários outros, Marçal trabalhou em parceria com o cineasta Beto Brant, fã confesso do autor, o que deixa evidente na orelha de um dos livros de Marçal:

Marçal é muito atento à linguagem e habilidoso na construção narrativa [...] ô vontade de filmar que me dá. [...] Do livro *As fomes de Setembro* quis filmar “Onze jantares”. Não rolou. De *Miss Danúbio*, filmei “Matadores”. E deste *O amor e outros objetos pontiagudos* estou muito a fim de “Sete epitáfios para uma Dama Branca (que, descalça, media 1,65 m e, nua, pesava 54 quilos)”. (1999)

Brant não chegou a gravar o filme baseado no conto a que se refere. No entanto, manteve a parceria com o escritor. Além dos já citados, adaptaram juntos o roteiro do recém-lançado *Cão sem dono*, baseado no livro *Até o dia em que o cão morreu*, de Daniel Galera. Atualmente, Brant está em processo de filmagem de outra produção de Aquino, o romance *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*, ambientado em um garimpo do Pará.

É evidente a importância de Marçal Aquino no atual cenário cultural brasileiro. O autor, considerado uma das maiores revelações da geração de escritores contemporâneos, já adquiriu inclusive projeção internacional. Segundo o *site* Releituras (acessado no dia 10 de maio de 2008), especializado em literatura, Marçal atuou “como consultor no IV Laboratório de Roteiros Sundance/RioFilme, a convite do Sundance Institute, dos EUA, em 2002”. Um outro escritor, Cristóvão Tezza, rasga outros elogios ao colega:

É sempre um prazer ler os contos de Marçal Aquino, um escritor da nova geração que, em meio a todas as crises da vida e da linguagem, encontra sua voz, o seu espaço narrativo e começa a marcar um território original. No caso, essa conquista tem mesmo o sabor de uma façanha literária. (2003, orelha do livro)

Apesar do destaque literário atual, Marçal ainda trabalha em 2008 (ano em que esta pesquisa foi feita) como jornalista *free-lancer*. A influência da prática da reportagem em seus textos ficcionais é latente, mas, quando perguntado por este pesquisador se já escreveu algum texto literário inspirado diretamente por alguma matéria jornalística que produziu, o autor desconversa: “Não é tarefa fácil apontar episódios em que me vali de um fato real para fazer ficção. Prefiro pensar que fragmentos das experiências, dos ambientes e dos personagens acabam voltando à tona e contaminando os relatos” (2008, entrevista por escrito). Ainda de acordo com Cristovão Tezza, é justamente este olhar de Marçal Aquino uma de suas maiores virtudes:

Voyeur de um mundo paralelo que não freqüenta a suposta normalidade da classe média, mas que tenta imitar canhestramente os seus valores – onde Marçal entra desarmado, para melhor compreender, ou apenas sentir, os simulacros de felicidade, medo e amor que pateticamente se realizam –, o narrador de seus contos é um olhar poderoso em busca da “normalidade”, aquele esforço que, mesmo no inferno, tenta deixar as pessoas em pé. (2003, orelha do livro)

Atuando como jornalista, também obteve sucesso: trabalhou na editoria de Cidades (que englobava, aperiodicamente, a editoria de Polícia) do *Jornal da Tarde* em uma época de grande prestígio da publicação. Nas matérias utilizadas nesta pesquisa, além de outras publicadas no jornal, é altamente perceptível a veia literária do autor. Mesmo em notícias consideradas mais “densas”, que envolvem crimes e prisões, Marçal Aquino buscava enfatizar o lado humano dos personagens, em detrimento de textos pura e simplesmente objetivos.

2.4) Marçal Aquino e o personagem marginal

Como confessa o próprio Marçal Aquino (o que, na verdade, não seria necessário, dada a evidência em suas obras), a literatura em que acredita passa, essencialmente, pelo que “há de humano nos personagens” (2008, entrevista por

escrito). Faz parte do compromisso jornalístico (em alguns casos, do literário também) exercer a responsabilidade social, ser os olhos da população, zelar pelos seus direitos, como defendem Bill Kovach e Tom Rosenstiel:

A noção de que os jornalistas não devem encontrar obstáculos na hora de cavar a informação e contá-la com veracidade – mesmo às custas de outros interesses financeiros do dono do jornal – é um pré-requisito para dar as notícias não só com exatidão, mas também de forma convincente. É dessa maneira que nós, cidadãos, acreditamos numa empresa jornalística. É essa a fonte de sua credibilidade. (2003, p. 83)

Desta forma, constrói-se a idéia de que o jornalista tem como uma de suas missões denunciar problemas sociais, colocá-los em evidência, trazer à tona a realidade de pessoas com a qual os leitores de jornal de classe média não teriam contato. A atuação do jornalista no que diz respeito à situação de personagens ditos “marginalizados” é importante a este ponto: o de estabelecer uma espécie de pacto. Desta forma, não é de se estranhar que Marçal Aquino, e diversos outros escritores jornalistas (ou só escritores, ou só jornalistas) tenham grande predisposição em escrever sobre aquelas pessoas, ficcional ou jornalisticamente. Para Tânia Pellegrini, esta importante vertente literária adquire cada vez mais destaque:

Tratando de espaços não valorizados socialmente, como a periferia dos grandes centros urbanos, ou os enclaves murados em seu interior, como as prisões, os textos citados e alguns outros vêm conseguindo visibilidade na mídia, êxito perante parte importante da crítica e reconhecimento dentro do campo literário e cultural, provocando debates sobre sua legitimidade, enquanto expressão de um sujeito social até então sem voz, ou mesmo sobre a possibilidade de criação de uma nova vertente temática e estilística, correspondente à matéria que traduzem. (2004, p. 15)

Sobre a importância, para o leitor, desta atuação e da visão literária e jornalística de Marçal Aquino, discorre Cristovão Tezza:

De sua primeira fase, datada dos anos 80, revisitamos o imaginário da rebeldia poética contra o sistema, em que a figura do escritor terá sempre, ao mesmo tempo, a aura do épico e do fracasso, e no fundo da voz o resíduo lancinante de uma acusação, o dedo em riste contra a mediocridade do mundo. (2003, orelha do livro)

Da parte dos leitores, há também um certo fascínio pelo tema. A oportunidade – citada acima – de conhecer uma realidade chocante, diferente e violenta com a qual dificilmente terá contato o leitor médio, é uma das grandes responsáveis por isso. Sobre a construção narrativa violenta que atrai leitores brasileiros, Tânia Pellegrini afirma:

É inegável que a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como constitutiva da cultura brasileira, como um elemento fundante a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, a experiência simbólica, aliás, como acontece com a maior parte das culturas de extração colonial. (2004, p. 16)

Há ainda, não tanto em casos de crimes e barbáries, mas em matérias de denúncia social com ênfase nas vítimas, a questão da empatia despertada no leitor. É comum, por exemplo, que receptores de notícias transfiram-se mentalmente para o papel das vítimas. E com razão, visto que estamos mesmo sujeitos às situações narradas corriqueiramente em livros e jornais. São personagens que nos aparecem com frequência, tanto pessoalmente quanto nos noticiários.

O verbo marginalizar, segundo o dicionário Houaiss, significa “impedir a integração ou participação de (alguém) em”, ou “tornar-se marginal, delinqüente” (2001, p. 288). É exatamente isto que se observa em grande parte dos personagens de Marçal Aquino: eles estão, por opção ou, na maioria das vezes, por consequências inevitáveis da vida, impedidos, excluídos do mesmo contexto do restante das pessoas consideradas “normais”; habitantes dos “escombros do mundo”. Como, por exemplo, o protagonista anônimo do conto *A partilha 1*:

Eu estava na merda. Tinha saído no indulto de fim de ano, na véspera de Natal, à tarde. Com a roupa do corpo e mais uma sacola com três camisas, duas calças, uma camiseta, cuecas e a Bíblia resumida, presente dos evangélicos. Fazia seis anos que eu não via a rua. [...] Eu não tinha muito dinheiro e precisava entrar num esquema bem rápido, se não quisesse me foder mais rápido ainda. Reintegração na sociedade. Sei. (1999, p.109)

Jornalisticamente, também é perceptível o interesse do autor por estes personagens. Na matéria intitulada *Dois homens presos, 13 assassinatos esclarecidos*,

de 22 de março de 1988, Marçal Aquino descreve o ambiente em que vivia Acácio, um dos envolvidos:

Acácio da Silva Filho já matou quatro pessoas na zona Leste. E, igualmente, não aceita ser chamado de justiceiro. Ele tem 25 anos, trabalha como vidraceiro e os motivos dos crimes são diversos. Em 86, na Vila Carrão, matou Ronaldo, depois de uma briga. Há menos de um ano deu dois tiros em Ferrugem, que o perseguia. Ainda na Vila Carrão, matou Guilherme, que deu em cima de sua mulher. Há dois meses, foi a vez de Wagner, a quem emprestara dinheiro e se recusava a pagar. (1988a, p. 17)

A forma de descrever estes personagens, que algumas vezes exalta suas qualidades de “heróis do cotidiano” e por outras ridiculariza suas pobres existências, é também uma forte característica do autor. É, por exemplo, o olhar da personagem Teresa, esposa do revolucionário Sottomayor, personagens do conto *Novas cartas paraguaias*, sobre o episódio em que tiveram de ficar horas espremidos dentro de um baú para fugir da polícia. O jornalista, a quem Teresa narra a história, descreve-o desta forma:

Há um detalhe que Teresa nunca menciona, ao contrário do que fez quando me contou esse episódio pela primeira vez: ao serem retirados do baú, ela notou que Sottomayor havia urinado na calça. Nenhum dos moradores da casa, que davam abrigo ao casal, fez qualquer comentário sobre o fato. Teresa: ou não repararam, porque estavam muito excitados com a partida dos soldados, ou viram, mas preferiram não falar nada. Respeito pelo medo dos outros, entende? Anoto: o herói é um homem que urinou na calça no dia seguinte ao golpe que derrubou Allende no Chile. (1999, p. 42)

Algumas vezes é possível detectar até uma certa ironia quando o autor reflete ficcionalmente sobre a imagem do escritor e do jornalista. Um exemplo claro é “o escritor” (forma como é tratado durante todo o conto) de *Onze Jantares* que, após várias desventuras (principalmente amorosas), é levado pelos vizinhos a um manicômio:

O dia estava azul igual às listras do pijama que vestia. À direita do escritor estava um velho que havia matado a mulher à machadadas e

depois incendiado a casa. [...] O escritor dividia o quarto com um negro que tocava saxofone e com um velho, aparentemente são, que dizia ter sido colocado ali pela família justamente por ser velho. Esse apareceu enforcado no banheiro numa manhã de sábado. Remexendo suas coisas, o escritor encontrou as anotações que ele fazia. E nunca mais esqueceu uma que dizia: “A gente acaba se acostumando a morrer todo dia, mas dói”. (2003, p. 27-28)

Ao mesmo tempo em que a situação do escritor não é nada favorável, os internos da Casa Aberta, descrita na matéria *Casa do Menor: antro, lar ou escola*, do dia 17 de maio de 1988, também não vivem dias fáceis:

Em 28 de outubro de 1987, o menor V.F., de 16 anos, foi preso em flagrante quando tentava furtar a perua Parati, placas OI-7225, de propriedade do jornalista Wilson Akira Otami. Com o menor, foi encontrada uma porção de maconha. [...] Alheio a isso, Ronaldo, 13 anos, só é afastado com muito esforço de uma máquina de fliperama – a maior rival dos educadores. Ele tem dez irmãos e é analfabeto. (1988b, p. 17).

Marçal teve um importante respaldo: segundo Clóvis Rossi, o *Jornal da Tarde*, em que trabalhou o escritor, é uma referência neste estilo:

O *Jornal da Tarde* alcançou picos de tiragem e mantém, até hoje, uma boa vendagem exatamente porque rompeu completamente com as normas de estilo vigentes [...] O *Jornal da Tarde* deu ênfase ao chamado lado humano, procurando, em cada reportagem, enfocar mais os homens e mulheres responsáveis por um determinado acontecimento do que o fato propriamente dito. (1980, p. 32)

São estes, portanto, os “alvos” preferidos de Marçal Aquino: os excluídos, marginalizados, criminosos, vítimas e, principalmente, humanos que seu lado jornalista ou escritor acredita que mereçam destaque.

3) Jornalismo com cara de literatura

Está no livro *O que é jornalismo*, de Clóvis Rossi, uma espécie de manual da profissão:

A norma básica, central, diz que toda reportagem deve responder a seis perguntas fundamentais (traduzidas dos manuais norte-americanos): quem, quando, onde, como, por que, o quê. [...] com o passar do tempo, passou-se a exigir (não explícita, mas indiretamente) que todos esses elementos figurassem na abertura da reportagem – tecnicamente chamada *lead*. (1980, p. 25-26)

O jornalista Marçal Aquino, não raro, subverte as recomendações do livro. Além de buscar notícias alternativas, ou fatos que normalmente não são encontrados nas páginas dos jornais (o que, como explicado pelo próprio Clóvis Rossi no capítulo anterior, pode dever-se em grande parte à proposta do *Jornal da Tarde*), o autor não se apressa em responder estas perguntas. Esta, claramente, não é a sua prioridade. Primeiro, apresenta-nos ao personagem, como na abertura da matéria *Cipriano, o homem que mora numa cadeia*, do dia 25 de abril de 1988:

Cipriano Samuel do Nascimento não paga aluguel, não sabe o que é IPTU e não está preocupado com os aumentos das tarifas de água e luz: há dois meses ele está morando em pleno canteiro central da Avenida Rio Branco; esquina com Rua Vitória, no centro da cidade. (1988, p. 11)

O autor até responde a algumas das perguntas (quem, o que, onde), mas por traçar um esboço de perfil psicológico do personagem (falar sobre suas preocupações), demonstra não zelar pelo princípio da objetividade, cultuado no jornalismo. As informações iniciais (“não paga aluguel, não sabe o que é IPTU e não está preocupado com os aumentos das tarifas de água e luz”), inclusive, podem até ser ficcionais, ou seja, o repórter não necessariamente fez essas perguntas ao entrevistado, mas, a carga literária e ilustrativa dessas afirmações não invalidam o caráter informativo da introdução. É, nesse caso, uma espécie de acordo entre repórter e leitores de jornal, similar ao que acontece ficcionalmente, como explica Umberto Eco:

[...] o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional, que Coleridge chamou de “suspensão [voluntária] da descrença”. O leitor tem que saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras. [...] Aceitamos o acordo ficcional e *fingimos* que o que é narrado de fato aconteceu. (1994, p. 81)

E não somente com matérias como essa – em que a história de vida de Cipriano e as condições em que vive realmente são o foco da notícia –, consideradas menos “factuais”, Marçal utiliza esse recurso. Na reportagem *Dois homens presos, 13 assassinatos esclarecidos*, do dia 22 de março de 1988, em que o jornalista descreve uma série de crimes dos quais esses dois sujeitos são acusados (e, portanto, uma matéria bastante “densa”), observamos a mesma opção de escrita na abertura, quando o autor fala sobre um dos criminosos:

Sentado numa sala no prédio do Deic, Severino Domingos de Oliveira, 36 anos, motorista, pai de três filhos, não parece perigoso. No entanto, como ele mesmo confessa, já assassinou nove pessoas, sem contar outras tentativas que ele não sabe informar se resultaram em mortes. (1988a, p. 17)

Este recurso, ao humanizar mais as figuras retratadas, retira muito do “peso” do fato noticioso, torna a leitura mais prazerosa. No lugar de fatos objetivos, números e respostas, a aparência, os pensamentos do personagem. Há leveza no texto, mas com a carga de realidade necessária, como prezava Italo Calvino para um texto literário:

[...] no mais das vezes, minha intervenção se traduziu por uma subtração do peso; esforcei-me por retirar o peso, ora às figuras humanas, ora aos corpos celestes, ora às cidades; esforcei-me sobretudo por retirar peso à estrutura da narrativa e à linguagem [...] Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou para o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle. (1990, p. 15-19)

A preocupação com o lado humano do personagem, enfim, é claramente a tônica da escrita do autor. Um outro exemplo disso traduzido em notícia é a matéria *Começa a remoção. Com queixas*, de 27 de maio de 1988, que Marçal Aquino abre desta forma:

Ivan Soares Pereira, 28 anos, e sua esposa Irene Gonzaga Pereira, 38, estavam bastante apreensivos na manhã de ontem: o casal e seus três filhos faziam parte da relação das famílias que seriam removidas pela Prefeitura da favela da avenida Juscelino Kubitschek. (1988, p. 15)

A notícia principal era a retirada dos moradores da favela por parte da prefeitura, porém, no lugar de abrir a matéria noticiando a retirada e inserir posteriormente alguns personagens (ou só aspas deles) no decorrer do texto, o autor exemplificou o sentimento das pessoas que moravam no local através da história de algumas delas. Esta “humanização” da notícia aproxima-a do leitor, além de dar certa liberdade ao repórter, de poder redigir um texto fora dos padrões habituais e no qual poderá trabalhar melhor a linguagem e evitar a mesmice que, segundo Clóvis Rossi, fez com que “boa parte dos textos” se tornasse “simplesmente aborrecida, cansativa e monótona” (1980, p. 28)

Outro recurso literário bastante presente na produção de Marçal Aquino é a atenção aos objetos presentes nas cenas que descreve em suas matérias (a própria descrição de cenas já sendo também uma similaridade com a ficção). Exemplo disso é este outro trecho da matéria sobre Cipriano Samuel do Nascimento:

Instalado ao sol do fim de tarde em uma poltrona semidestruída, ele parece conformado com os desconfortos de sua maneira de viver: “Já estou acostumado com o barulho dos carros e, se chove, eu tenho uns plásticos ali”, diz Cipriano, apontando para um carrinho onde guarda os seus pertences. (1988c, p. 11)

A poltrona semidestruída, os plásticos e o carrinho de Cipriano não são apenas objetos. São elementos constituintes do cenário que nos ajudam a visualizar e entender melhor o personagem em questão, símbolos da situação e do contexto do sem-teto, motivo pelo qual a matéria está sendo feita. A escolha destes objetos, esta opção feita pelo autor, é determinante no impacto que aquela notícia vai ter no leitor, exatamente o mesmo impacto descritivo em uma obra literária, segundo Italo Calvino:

A partir do momento que um objeto comparece numa descrição, podemos dizer que ele se carrega de uma força especial, torna-se como o pólo de um campo magnético, o nó de uma rede de correlações invisíveis. O simbolismo de um objeto pode ser mais ou menos explícito, mas existe sempre. (1990, p. 47)

Na matéria sobre a Casa do Menor citada no capítulo anterior também há um claro exemplo da utilização desta solução. Quando Marçal cita o fliperama do qual “Ronaldo, 13 anos, só é afastado com muito esforço” (1988b, p. 17), a intenção não é simplesmente informar ao leitor que ali há um fliperama, mas sim destacar que em um centro de reabilitação de menores, onde educadores sofrem para cumprir sua função, um dos internos, de 13 anos de idade, dá mais atenção ao jogo do que às aulas, por exemplo. A contradição implícita da presença do objeto no ambiente em que se encontra só chega ao leitor através desta atenção do jornalista.

Como já dito, o *Jornal da Tarde* pode ter sido um dos grandes responsáveis por incentivar este estilo de texto em Marçal: ao contrário de outras publicações (também consideradas sucessos editoriais), o jornal buscava uma outra visão, uma maneira mais humana de praticar o jornalismo, ao contrário do que se convencionou em outros veículos, ou seja, optar pela objetividade e estilo enxuto de texto, como a revista *Veja*, que “segue uma padronização tão rigorosa que procura dar a impressão de que é escrita pela mesma pessoa da primeira à última linha” (ROSSI, 1980, p. 32).

Esta opção de estilo, no entanto, torna as notícias impessoais com tal intensidade que, por vezes, fazem-na excessivamente fria e distante. A crítica a este estilo é também comum, como opinou Nanami Sato:

Ao exigir-se do jornalista o uso da terceira pessoa que garantiria formalmente a impessoalidade do discurso, tem-se como resultado um discurso esvaziado, que acaba por ocultar o processo social que possibilitou a notícia. (2002, p. 31)

A linha editorial do jornal de Marçal Aquino permitiu-lhe trabalhar em pautas mais literárias ou menos “factuais”, ou seja, que não giravam em torno de acontecimentos urgentes ou inéditos, mas, por vezes, apenas baseadas em histórias de vida

“interessantes” como na matéria do dia 17 de maio de 1988, intitulada *Aulas para uma difícil profissão: palhaço*:

Há dez anos, Edson de Mello e Val de Carvalho resolveram ganhar a vida fazendo exatamente aquilo que gostam: provocar riso e divertir as pessoas. Mas eles descobriram que, ao contrário do que muita gente pensa, as gargalhadas terminam sempre no palco e, fora dele, a vida de palhaço é muito difícil. Especialmente no Brasil. (1988d, p. 15)

A própria ferramenta da escrita, através da qual tanto jornalistas quanto escritores têm de se fazer entender através da linguagem, pensando nas diversas camadas de público leitor que vão atingir, também é uma importante semelhança entre as práticas. É, nas duas atividades, imprescindível que se siga o pensamento de Ítalo Calvino, que prega a utilização de “uma linguagem que seja a mais precisa possível como léxico e em sua capacidade de traduzir as nuances do pensamento e da imaginação”. (1990, p. 72)

Fica, portanto, claro que a produção jornalística de Marçal Aquino carrega uma série de elementos literários, tanto no que diz respeito ao estilo de escrita e colocação da linguagem quanto à escolha de personagens e elementos noticiosos, o que nem sempre agrada (alguns jornalistas são avessos a esta prática, que pejorativamente chamam de “literatice”), mas que definitivamente intriga, até por ser distinta da escrita a que os leitores se acostumaram nos jornais tradicionais.

4) Literatura com cara de jornalismo

O “contágio” do jornalismo na literatura de Marçal Aquino também se faz presente. Esta influência, como dito nos capítulos introdutórios, não é nenhuma raridade e nem exclusiva da obra do autor. Franklin Jorge, citando Jorge Luis Borges, chegou a afirmar que “para o escritor, o mais perigoso dos ofícios é ser jornalista, pois o jornalismo se parece com a literatura a ponto de contaminá-la” (2002, p. 109).

Apesar da alcunha “ficção”, a produção literária é muitas vezes inspirada no real e, por vezes diretamente, em relatos jornalísticos. O fato, aliás, de ser um relato (o que, para leitores médios de jornais, muitas vezes passa despercebido) faz com que até as próprias páginas de jornais tenham estes contornos ficcionais. O enredo, a história contada pelo repórter, é tão somente a visão (muitas vezes privilegiada) do jornalista transformada em informação. Esta importante diferença entre o real e visão do real é apontada por Nanami Sato:

Mesmo que se postule que a representação revela alguma coisa do real, é preciso ter em mente as condições em que ela emerge. Basta lembrar que o autor já carrega em si certos implícitos de representação; o resultado, a representação, constitui, portanto, uma criação destinada a um ou mais receptores. [...] Apesar da vocação para o “real”, o relato jornalístico sempre tem contornos ficcionais: ao causar a impressão de que o acontecimento está se desenvolvendo no momento da leitura, valoriza-se o instante em que se vive, criando a aparência do acontecer em curso, isto é, uma ficção. (2002, p. 31)

Marçal Aquino é, antes de mais nada, um jornalista. A contaminação do real, a interseção de relatos, pode, portanto, vir diretamente do contato do autor com o próprio trabalho. A vivência em jornalismo, a apuração e produção das matérias, conferem ao escritor uma visão “privilegiada” dos fatos, pessoas, hábitos, lugares etc. Segundo o autor, em entrevista a este pesquisador, algumas vezes os “fragmentos das experiências, dos ambientes e dos personagens acabaram voltando à tona e contaminando os relatos” literários em sua produção (2008, entrevista por escrito).

Além das várias semelhanças já apontadas, na obra do autor podem ser observadas outras com mais especificidade e clareza. A semelhança entre personagens excluídos, melhor dissecada no capítulo sobre personagens marginais, é, por exemplo, latente. Bom exemplo são os personagens *Boi* e *Cipriano*, provenientes, respectivamente, do conto *Boi* e da matéria *Cipriano, o homem que mora numa cadeira*. Ambos são sem-tetos, acostumados à vida sem um lar, marginalizados e sem perspectiva de futuro. Em alguns momentos, os quinze anos que lhes separam (ano de publicação de cada um) parecem ser a única diferença entre eles:

Enquanto se aquecia num sol ralo, espiava a construção de madeira criteriosamente encravada no alto, sob o viaduto. [...] Ele se virava com papelões, sob a marquise de um banco ficando exposto a tudo e a todos. [...] Boi achava que, daquele jeito, não agüentaria outro inverno. A verdade é que estava ficando velho. (2003, p. 181)

Hoje, aos 48 anos, Cipriano diz que a única saída que encontrou foi morar na rua [...] Instalado ao sol do fim de tarde em uma poltrona semidestruída, ele parece conformado com os desconfortos de sua maneira de viver [...] não se preocupa com o futuro, sobre o qual não alimenta grandes expectativas [...] (1988c, p.11)

Se por um lado a falta de atenção ao aspecto humano das reportagens e o excesso de objetividade podem deturpar o processo social por trás da apuração, a linguagem concisa e eficaz que este estilo impõe trouxe benefícios para a literatura do autor. Esta linguagem jornalística (que, como também observado no primeiro capítulo, está intrinsecamente ligada à literária) contribuiu para a consolidação da dicção literária de Marçal Aquino, segundo ele próprio: “Existe a coisa da linguagem literária, neste caso, muito próxima da linguagem jornalística” (2008, entrevista por escrito). Em uma outra entrevista, esta para o jornal *Esquina*, em 2007, o autor afirmou ainda que [...] “o trabalho como repórter ”treinou” o meu olhar. E a prática do texto em si (com toda aquela concisão que o jornalismo apregoa) acabou também sendo um benefício, já que prezo o texto enxuto, sem grandes derramamentos ou barroquismos”.

Este texto enxuto é uma das marcas de Marçal Aquino. Como Marcelino Freire (outro escritor destacado da nova geração), produz vários contos curtos, mas cheios de conteúdo. As frases curtas, rápidas e objetivas conferem à narrativa e à leitura uma

dinamicidade incomum, como neste trecho do conto *Onze jantares*, em que a “mulher vulgar” se refere ao já citado escritor:

Quando ele quer, ele é um cara bacana. O que atrapalha são as manias. E essa história de ser metido a escritor. Mas a maioria das coisas que escreve eu não entendo. Faz uns seis meses que fala do romance que está fazendo. Vai se chamar *Gema, Clara, gema*. Eu ainda não li nada; ele não mostra antes de acabar, outra mania. Seria bom, eu poderia até dar uns palpites, quem sabe. Mas com um título desses, o que se pode esperar? Pornografia, no mínimo. (2003, p. 23)

A grande quantidade de informações contidas no espaço de menos de um parágrafo chama atenção. Sabemos, após a leitura destas poucas linhas, muito sobre o escritor (ou pelo menos o que a “mulher vulgar” acha dele): que é um cara bacana, sobre o seu romance, como vai se chamar, sobre a vontade que ela tem de opinar, entre outros. E, apesar do que se disse sobre a excessiva concisão no fazer jornalístico, esta prática, em literatura, de nenhuma forma esvazia ou empobrece a escrita. É, de acordo com Umberto Eco, uma consequência ficcional normal:

[...] qualquer narrativa de ficção é necessária e fatalmente rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não se pode dizer tudo sobre este mundo. Alude a ele e pede ao leitor que preencha toda uma série de lacunas. (1994, p. 9)

Outra semelhança importante é a apuração. Tanto em jornalismo como literatura, a vivência, aprendizado e conhecimento acerca do tema do texto são fundamentais. Prova disso é um capítulo inteiro dedicado ao tema no livro *Os elementos do jornalismo – O que os jornalistas devem saber e o público exigir*, de Bill Kovach e Tom Rosenstiel, intitulado *A essência do jornalismo é a disciplina da verificação*. Clóvis Rossi afirma ainda que “é quase impossível preparar uma boa reportagem sem que o jornalista saiba o porquê das coisas ou ao menos julgue sabê-los” (1980, p. 41). Da mesma forma ocorre na literatura, como avalia Umberto Eco, explicando o método que utilizou para descrever em um de seus livros o trajeto percorrido por um personagem:

Para escrever este capítulo, percorri o mesmo trajeto em várias noites, levando comigo um gravador, tomando nota sobre o que via e sobre minhas impressões. [...] fui mais longe e tratei de verificar se houve lua naquela noite e, em havendo, que posições ocupou no céu em diversos momentos. [...] porque gosto de ter diante de mim a cena sobre a qual estou escrevendo; isso me familiariza mais com os acontecimentos e me ajuda a penetrar nas personagens. (1994, p. 82)

No caso de Marçal Aquino, esta apuração parece ser tão intensa (ou intrínseca) que, em alguns casos, é literalmente repassada ao relato literário. No conto *Onze jantares*, distribuído em onze pequenos capítulos, o oitavo deles (intitulado Colagem, meu bem, colagem) traz uma série de depoimentos com opiniões diversas (ou o “ouvir todos os envolvidos” jornalístico) de vários personagens sobre um dos protagonistas, o já citado escritor. São quatro fragmentos, entre aspas, que parecem ter sido retirados de um caderno de anotações de um repórter, que revelam o ponto de vista de cada um dos quatro “entrevistados”, seguidos de identificação. Por exemplo, Manoel, o dono da banca de jornais e o ex-síndico do prédio (com quem o escritor, visivelmente, não se dava muito bem):

“Ele compra jornais aqui todo dia. Se é esquisito? Olha meu amigo, quem não é esquisito nessa cidade? Até eu vez em quando fico nervoso e tenho vontade de fazer uma besteira. Aí eu digo: ‘Calma, Manoel, olha a pressão alta.’” (depoimento do dono da banca de jornais)

“Um grande filho da puta, isso é o que ele é. Quis me dar um tiro à toa, sem motivo. O pai era comunista, veja no que deu. E nem a mãe agüentou esse cara. No fundo, é um perverso. O pessoal fala que ele teve uma crise nervosa. Mas aqui ó, ele é meio pancada. Vai ver é uma bicha enrustida e fica armando essas confusões. Eu fico atento, não dá pra vacilar. Quando voltou do hospício, andei armado uns seis meses. Nunca se sabe.” (depoimento do ex-síndico do edifício) (2003, p. 26)

Neste conto, no entanto, o autor não menciona a existência de um jornalista. Apenas transcreve estas impressões, sem citar quem as colheu. Em um outro texto, *Novas cartas paraguaias*, Marçal Aquino volta a invocar as anotações de um jornalista, que dessa vez é personagem da trama e, talvez por isso, confira a elas uma carga maior de “subjetividade”:

Eu permaneço mais um pouco no coquetel. E todas as vezes que cruzo com Teresa, ganho um sorriso. Imagino-a mais jovem. Devia ser arrasadora. Em casa, anoto: o herói tem uma mulher por quem valeria a pena abandonar qualquer revolução. [...] (1999, p. 44)

[...] Sottomayor baixa a cabeça por um momento. Por que você não ficou na Nicarágua? Achei que não tinha mais nada para fazer lá. A revolução venceu. Chegamos ao poder. Aí um dia eu pensei: está na hora de cuidar da minha vida. E vim para o Brasil. Em que ano foi isso? 82, 83, por aí. Anoto: o herói sentiu o gosto da vitória uma vez. Então resolveu se aposentar. (1999, p. 45)

Posteriormente, o ácido jornalista assassina, por questões pessoais, o revolucionário em questão.

A impressão é que, ao introduzir e misturar elementos jornalísticos e literários nas duas atividades, Marçal Aquino conseguiu diferenciais dos dois lados. Se por um deles fugiu da mesmice e padronização e conseguiu atingir maior humanismo pelo jornalismo, pelo outro incorporou a crueza da realidade e a rapidez da linguagem adicionando dinamicidade à sua literatura. A julgar pelo destaque adquirido pelo autor, em termos de tiragem e reconhecimento, em suas duas frentes de trabalho, a fórmula funciona.

Tabela I. Características dos principais personagens – jornal

Personagem	Procedência	Características
Acácio da Silva Filho	Jornal	25 anos, preso pelo assassinato de quatro pessoas. Trabalha como vidraceiro e nega ser parte do grupo “justiceiros”.
Cipriano Samuel do Nascimento	Jornal	48 anos, sem-teto. Mora em uma cadeira no canteiro central de uma avenida de São Paulo. Vive de pedir comida e dinheiro. Já teve problemas com bebidas. Sente saudades da época em que tocava clarinete em boates.
Ivan Soares Pereira e Irene Gonzaga Pereira	Jornal	Casal, 28 e 38 anos, respectivamente. Foram removidos pela prefeitura da favela onde moravam. Irene nasceu em Alagoas e Ivan mora na favela há nove anos. Estão apreensivos com o destino que a prefeitura reservou para as famílias removidas.
Edson de Mello e Val de Carvalho	Jornal	Casal de palhaços, 32 e 30 anos, respectivamente. Sobrevivem na profissão com dificuldades, dão aulas e se apresentam em aniversários. Superam crises conjugais nas apresentações. Para Edson, “o palhaço ri da

		própria desgraça”.
Ronaldo	Jornal	13 anos, interno da Casa do Menor. Gosta de jogar fliperama. Possui dez irmãos e é analfabeto. Conseguiu sua certidão de nascimento na Casa. Sonha ser <i>office-boy</i> .
Severino Domingos de Oliveira	Jornal	36 anos, preso por ter confessado o assassinato de nove pessoas. Foi responsável, com Acácio da Silva Filho, pela “Chacina do Grajaú”. À época da matéria (1988), havia matado pela primeira vez onze anos antes, em sua cidade natal, Carpina, interior de Pernambuco.
O menor V.F	Jornal	16 anos, interno da Casa do Menor. Preso em flagrante quando tentava roubar um carro, em outubro de 1987. No ato da prisão, também foi encontrada com o menor uma porção de maconha.

Tabela II. Características dos principais personagens – livros

Personagem	Procedência	Características
Anônimo (de <i>A partilha 1</i>)	Livro	Idade desconhecida. Recém saído da prisão, volta à favela de origem à procura de trabalho ilícito, onde descobre que o melhor

		amigo casou-se com sua ex-mulher.
Boi	Livro	Idade desconhecida (menciona-se que está ficando velho). Morador de rua, vive com inveja de um conhecido que tem um barraco. Posteriormente, acaba atirando neste conhecido. Comete suicídio quando encurralado pela polícia no barraco.
O escritor (de <i>Onze Jantares</i>)	Livro	Idade desconhecida (menciona-se que já tem cabelos grisalhos). Escritor frustrado, não consegue acabar o romance, intitulado <i>Gema, Clara, gema</i> . Vive um romance com A mulher vulgar. Desequilibrado, chega a ser internado em um manicômio.
O jornalista (de <i>Outras cartas paraguaias</i>)	Livro	Idade desconhecida. Trabalha em uma revista esquerdista e é destacado para escrever um perfil do ex-revolucionário Sottomayor. Envolve-se sexualmente com a esposa do guerrilheiro e acaba por matá-lo. Acredita ter sido ele o homem que matou o seu pai.
A mulher vulgar (de <i>Onze Jantares</i>)	Livro	Idade desconhecida. Vive um romance com O escritor. Parece tão desequilibrada quanto ele e não entende nada do que ele escreve. Alterna momentos de

		ódio e doçura e chega a namorar outros rapazes.
Sottomayor	Livro	Idade desconhecida. Ex-guerrilheiro revolucionário lutou na Nicarágua e se mudou para o Brasil por volta de 1983. É dono de um restaurante e marido de Teresa. É assassinado pelo jornalista.
Teresa	Livro	Idade desconhecida (menciona-se ser uma mulher por volta de 50 anos, mas ainda deslumbrante). Tida como uma mulher forte, acompanhou o marido em guerrilhas e fugas. Envolve-se sexualmente com o jornalista, que posteriormente mata o seu marido.

5) Conclusão

Sobre os variados elementos comuns entre literatura e jornalismo já existe vasta bibliografia. O próprio Marçal Aquino, entre outros autores, contemporâneos ou não, admite que a prática e a linguagem jornalísticas influenciaram na sua escrita literária. O *Jornal da Tarde*, em que o autor prestou serviços jornalísticos, tinha uma proposta editorial mais ousada, que buscava um jornalismo mais voltado para os personagens da matéria, em detrimento da transmissão puramente objetiva dos fatos. Talvez por essa “liberdade” oferecida pela publicação, muitos dos textos jornalísticos de Marçal demonstram forte influência literária, principalmente no que diz respeito ao perfil das pessoas que protagonizavam as notícias, entre outros aspectos latentes.

Apesar de o escritor negar que tenha utilizado os livros “para ir mais a fundo neste ou naquele aspecto” (2008, entrevista) de matérias das quais tenha participado direta ou indiretamente, o efeito dos textos-reportagem de Marçal Aquino, em que chama atenção para pessoas e contextos sociais desprivilegiados, e da leitura de alguns de seus contos literários, é basicamente o mesmo: choque, impacto, alerta, denúncia social. Atinge, desta forma, um patamar em que além de bem utilizar este fundamento comum das duas atividades, pega ainda “emprestados” elementos de um e outro para empregá-los (com a mesma qualidade) nos formatos diversos. É o que Deonísio da Silva considera a situação ideal:

Dublês de jornalista e escritores formam, quando bem combinados os dois ofícios, uma via de mão dupla em que a pressa do jornalista obtém a concisão e a rapidez que a ficção não pode aceitar de pronto, mas às quais responde com muito mais laudas, devidamente acompanhadas de reflexões mais demoradas, imunes aos desacertos e ao tormento da pressa. (2002, p. 115)

Bem combinar os dois ofícios é o mínimo que se pode dizer que faz o autor pesquisado. O prestígio atingido por Marçal, por exemplo, tanto em termos de vendas de livros e jornais (que, obviamente, não podem ser atribuídas somente ao autor, mas ao jornal como um todo), quanto em reconhecimento por parte da crítica e de outros

escritores e autores de outras “frentes”, como produção de roteiro e cinema, é evidente. Considerado, como já frisado, um dos maiores autores da chamada “geração 90”, Marçal é visto como uma das revelações do gênero policial ou herdeiro da “matriz fONSEQUIANA”. Rubem Fonseca, que também via a crueza dos crimes de perto – era policial – é, como já revelou em algumas entrevistas, admirador da literatura de Marçal.

Pode ser ainda cedo para afirmar, como já ventilado por alguns estudiosos em literatura, que a geração de escritores como Marçal Aquino, Lourenço Mutarelli, Patrícia Melo, Nelson de Oliveira, Daniel Galera, entre outros, já tenha consolidado um novo movimento cultural ou estilo literário. No entanto, em tempos de violência, crueldade, desigualdade e crescente perda de credibilidade por parte da imprensa, a importância dos livros e do olhar desses escritores cresce substancialmente.

Escritores, teoricamente, ainda têm mais liberdade, ou estão menos sujeitos a aspectos econômicos, como patrocinadores de jornais ou grandes conglomerados de mídia, por exemplo. Ganha ainda mais importância se, a exemplo de Marçal Aquino, o escritor tenha tido acesso a uma visão privilegiada do mundo que a maioria só conhece através dos jornais. Neste cenário, os projetos jornalístico e literário de Marçal Aquino, devidamente abastecidos um do outro, assumem um papel fundamental: de chamar a atenção e literalmente dar voz e visibilidade aos que não têm acesso, além de oferecer uma visão alternativa de acontecimentos que normalmente nos são apresentados sob um único ponto de vista.

6) Bibliografia

ALCÂNTRA, Alex Sander. **TV Globo, 40 anos**: Sem livro-reportagem. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=329TVQ001>>. Acesso em: 20 mar. 2008.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: Um estudo do sensacionalismo na imprensa. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1995. 160 p.

AQUINO, Marçal. Dois homens presos, 13 assassinatos esclarecidos. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 22 mar. 1988a. Caderno Polícia, seção Geral, p. 17.

AQUINO, Marçal. Casa do Menor: antro, lar ou escola? **Jornal da Tarde**, São Paulo, 08 abr. 1988b. Caderno Polícia, seção Geral, p. 17.

AQUINO, Marçal. Cipriano, o homem que mora numa cadeira. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 25 abr. 1988c. Caderno Cidade, seção Geral, p. 11.

AQUINO, Marçal. Aulas para uma difícil profissão: palhaço. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 17 mai. 1988d. Caderno Cidade, seção Às suas ordens, p. 15.

AQUINO, Marçal. Começa a remoção. Com queixas. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 27 mai. 1988e. Caderno Cidade, seção Geral, p. 15.

AQUINO, Marçal. **O amor e outros objetos pontiagudos**. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 1999. 139 p.

AQUINO, Marçal. **Famílias terrivelmente felizes**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 232 p.

BRANT, Beto. In: **O amor e outros objetos pontiagudos** 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 1999. Orelha do livro.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Tradução Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 141 p.

COSSON, Rildo. Romance-reportagem: o império contaminado. In: CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. 1. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 57-70.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução Hildegard Feist. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 158 p.

FREITAS, Helena de Sousa. **Uma relação controversa**. Entrevista. Disponível em: <<http://www.facasper.com.br/cultura/site/entrevistas.php?tabela=dialogoentrevista&id=88>>. Acesso em: 10 mar. 2008.

JORGE, Franklin. Os escritores e o jornalismo. In: CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. 1. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 109-113.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 481 p.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. Tradução Wladir Dupont. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2003. 302 p.

MEDEL, Manuel Angel Vázquez. Discurso Literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. Tradução Susana Beatriz Alvis Etcheverry. In: CASTRO,

Gustavo; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e Literatura**: A sedução da palavra. 1. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 15-28.

MENEZES, Rogério. Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo. In: CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e Literatura**: A sedução da palavra. 1. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 163-171.

PELLEGRINI, Tânia. As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. In: JUNIOR, Armando Boito; TOLEDO, Caio Navarro de (Org.). **Crítica Marxista nº 21**. 1. ed. São Paulo: Editora Revan, 2005. p. 132-153.

PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília, v. 24, p. 15-34, jul./dez. 2004.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. 10. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. 87 p.

SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e Literatura**: A sedução da palavra. 1. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 29-46.

SILVA, Deonísio da. Imprensa e literatura. In: CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e Literatura**: A sedução da palavra. 1. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 115-120.

SILVEIRA, Eliane Pereira da. Narrativas ficcionais contemporâneas: Violência e intertextualidade. **Encontro Regional da ABRALIC 2007**: Literaturas, Artes, Saberes. São Paulo, 2007.

TASSIS, Nicoli Glória de. Imprensa Brasileira: a intertextualidade entre o jornalismo e a literatura. **Revista de Estudos da Comunicação**. Curitiba, v. 8, n. 16, p. 143-154, mai./ago. 2007.

TEZZA, Cristóvão. In: **Famílias terrivelmente felizes**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2003. Orelha do livro.

7) Apêndice A – Entrevista com Marçal Aquino

Realizada por correio eletrônico entre 06 de março e 29 de abril de 2008.

Em quais jornais trabalhou na editoria policial e por quanto tempo?

Trabalhei na editoria de Cidades do Jornal da Tarde, que abrigava a seção Polícia, entre 1988 e 1989. Foi nesse período que fiz uma série de matérias policiais.

Algun de seus textos de ficção foi diretamente inspirado em alguma matéria que tenha apurado e escrito? Se sim, poderia apontar algum caso, especificamente?

Não é tarefa fácil apontar episódios em que me vali de um fato real para fazer ficção. Prefiro pensar que fragmentos das experiências, dos ambientes e dos personagens acabaram voltando à tona e contaminando os relatos. Falando francamente, acho que no único caso em que de forma mais clara tentei escrever um conto a partir de um fato real (na apuração do qual não trabalhei como repórter, diga-se), não fiquei satisfeito com o resultado. Trata-se do conto “Gambés”, que está publicado no livro “Faroestes”, de 2001. Eu gostava muito de alguns aspectos daquela história, que me foi narrada por um jornalista amigo (o texto é dedicado a ele), mas acho que a realização no plano ficcional deixou muito a desejar. Por outro lado, o conto “Matadores”, que deu origem ao roteiro do filme do Beto, nasceu como ficção diretamente inspirada no real – estive na fronteira Brasil-Paraguai apurando um caso para um livro-reportagem e tomei contato direto com o universo dos matadores e fiquei a fim de refletir sobre isso ficcionalmente. A novela “O invasor” é outro caso em que aqui e ali dá pra flagrar o real escorando a narrativa ficcional, a partir de experiências que efetivamente vivi.

Se, em matérias policiais, as principais fontes (às vezes únicas) – delegados e agentes de polícia –, são tidas como mais confiáveis, por que, nos seus textos ficcionais, estes personagens aparecem mais 'humanizados' ou, por vezes, mais desonestos?

Não são escolhas deliberadas. Até porque nunca penso num relato privilegiando esta ou aquela característica dos personagens de forma antecipada. O que me interessa é contar uma história, e nesse ponto os personagens surgem já atrelados à narrativa. Simples assim. Um compromisso, porém, é sempre buscar o que há de humano nos personagens. É nessa literatura que acredito.

Algumas 'convenções' ou 'padronizações' do trabalho e escrita jornalísticos – como falta de tempo de apuração, necessidade de publicação de versões oficiais ou intempéries editoriais –, que eventualmente o tenham impedido de publicar em jornais as versões mais realistas dos fatos, incentivaram-lhe a escrever sobre realidades mais cruas em obras de ficção?

Acredito que isso nunca aconteceu. Obviamente, não escrevo ficção como se escrevesse reportagens, mas nunca precisei dos livros para ir mais fundo neste ou naquele aspecto. Existe a coisa da linguagem literária, neste caso, muito próxima da linguagem jornalística. E claro o fato de ter mais tempo para elaborar um livro do que para escrever uma reportagem, espero, é importante.

Sobre a decorrente presença de personagens marginalizados em seus textos, tanto jornalísticos quanto literários: por que são personagens sobre os quais gosta de escrever?

Eu nunca me preocupei em saber por que escrevo o que escrevo. Me limito a tentar botar no papel as histórias e personagens que me assolam. Acho que os seres marginalizados são tão bons personagens quanto o pessoal do andar de cima. Gosto de espiar essas vidas com a ficção, não mais que isso.

Segundo Clóvis Rossi, a proposta editorial do Jornal da Tarde era mais voltada para o lado humano e talvez por isso os repórteres tivessem maior liberdade na escrita das matérias. Você concorda com esta afirmação?

Do ponto de vista editorial, havia mesmo essa “preocupação com o humano” de que fala o Clóvis Rossi. Os repórteres eram estimulados a buscar a história paralela, a cena lateral, aquilo que podia render um bom flagrante do real, às vezes até em detrimento do fato principal. O olho do repórter ficava meio treinado para olhar a notícia para além da notícia, buscando o inusitado, o poético, o trágico, o patético, o humano, demasiadamente humano, enfim. O fato banal podia render uma capa, desde que contivesse o inesperado. Vi isso acontecer inúmeras vezes. Daí a clave literária sobre a qual se apoiava a maioria esmagadora dos textos e das abordagens.

Qual é a sua maior motivação para escrever ou por que teve vontade de se tornar escritor?

Eu comecei a ler livros ali pelos nove, dez anos. Até então eu só gostava de quadrinhos. Me apaixonei perdidamente por literatura. Lembro que, pelos 14 anos mais ou menos, já pensava que gostaria de ser escritor. Mas só comecei a escrever (e a mostrar pra amigos) aos 16. O que me levou a escrever foi o fato de gostar de ler, eu não tenho dúvida. Mas tem também a coisa de querer contar histórias, certamente uma herança da minha primeira infância, passada numa fazenda, onde eu ouvia toda noite os causos contados por um povo que não tinha acesso à televisão na época. Acho que são essas as causas principais da minha adesão ao sonho da literatura.

Se o seu tema preferido para a ficção é a própria realidade, como você as diferencia? Ou, como trabalhar na linha tênue entre literatura e jornalismo?

Acho que a realidade serve sempre de ponto de partida, de centelha. Eu sei que aquilo é apenas a fagulha pra algo que vou inventar, ou seja, a ficção. Nunca tive interesse em transcrever o que vejo ou escuto nas ruas diretamente para os livros. Seria jornalismo. O que acontece é que me sinto provocado por algum dado do real – um nome, uma frase, um personagem ou uma situação – e aí entra em funcionamento a máquina da ficção. É assim que vejo a coisa.

8) Anexos

Dois homens presos, 13 assassinatos esclarecidos. – 22 de março de 1988.



Dois homens presos, 13 assassinatos esclarecidos.

Sentado numa sala no prédio do Deic, Severino Domingos de Oliveira, 36 anos, motorista, pai de três filhos, não parece perigoso. No entanto, como ele mesmo confessa, já assassinou nove pessoas, sem contar outras tentativas que ele não sabe informar se resultaram em mortes.

Ele e Acácio da Silva Filho foram apresentados na tarde de ontem como os primeiros resultados do trabalho do Grupo Antijusticeiros (GAJ) da Delegacia de Homicídios, criado há dez dias. A prisão dos dois elucida 13 assassinatos, inclusive a chamada **Chacina do Grajaú**, ocorrida em 30 de abril do ano passado, dentro de uma lanchonete em Cidade Dutra.

Sobre este episódio, Severino conta ter sido convidado pelo ex-PM Sílvio de Oliveira a participar de uma vingança familiar: a execução do rapaz que assassinara seu irmão. Os dois, mais Herminio de Oliveira — pai de Sílvio — e um amigo, invadiram a lanchonete disparando suas armas. Quando acabaram, estavam mortos: Henrique Bispo de Almeida, 19 anos; Ozias Laurindo Filho, 22; Anselmo Nunes da Silva, 17; José Carlos Nunes da Silva, 22; e Sérgio Lisboa da Silva, 20. Amarildo Silva chegou a ser socorrido, mas acabou também morrendo.

Severino matou pela primeira vez há 11 anos, em Carpina, interior de Pernambuco, sua cidade natal. Lá, depois de receber duas facadas, matou um amigo chamado Daniel. Foi então para Recife, onde deu três tiros num desconhecido na porta de um baile. E, com seis tiros, assassinou um motorista de táxi, durante briga por causa de um passageiro. Severino nega ser um justiceiro, como vem sendo apontado pela polícia. Para ele, os crimes estão ligados a vinganças e a pessoas que o ameaçaram.

Ele diz arrepende-se somente da metade dos crimes. Como no caso da chacina: "Foi o que mais senti, porque os caras não tinham me feito nada".

"Empreitada"

Acácio da Silva Filho já matou quatro pessoas na zona Leste. E, igualmente, não aceita ser chamado de justiceiro. Ele tem 25 anos, trabalha como vidraceiro e os motivos dos crimes são diversos. Em 86, na Vila Carrão, matou Ronaldo, depois de uma briga. Há menos de um ano deu dois tiros em Ferrugem, que o perseguia. Ainda na Vila Carrão, matou Guilherme, que deu em cima de sua mulher. Há dois meses, foi a vez de Wagner, a quem emprestara dinheiro e se recusava a pagar.

Cármino Pepe, delegado-chefe do GAJ, contudo, afirma não ter dúvidas de que os dois fazem parte de grupos de justiceiros: "Eles não assumem para não dar o nome de quem contratava as operações. Além disso, a contratação de crimes é sempre uma agravante".

Severino assume apenas uma contratação, quando a vítima, curiosamente, acabou não sendo executada. Há quatro anos, ele e dois amigos foram a Governador Valadares (MG) com a missão de matar um sitante. Iam receber Cr\$ 1,5 milhão pela execução. Abandonados na cidade mineira pelo contratante, acabaram embriagados e presos pela polícia. "Aquele foi a única empreitada que aceitei — sustenta Severino —, hoje não quero mais saber desse tipo de coisa."

Marçal Aquino

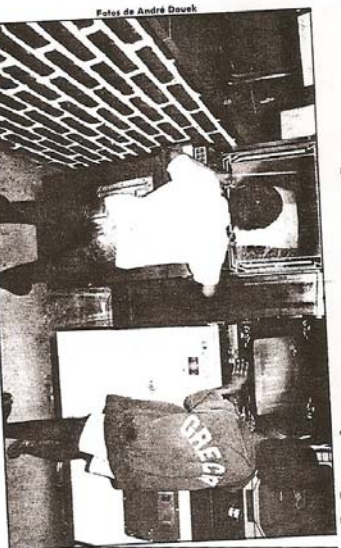
Casa do Menor: antro, lar ou escola? – 08 de abril de 1988.

Casa do Menor: antro, lar ou escola?

As Casas Abertas enfrentam um problema: a desconfiança da população e da polícia com relação ao projeto.

Uma crise de redução do menor, que funciona como uma tentativa de resgate da violência social para os meninos e meninas das ruas. Ou um verdadeiro território livre, onde os meninos e meninas vivem e trabalham sem a interferência da polícia. Qual destes dois visões define a realidade da Casa Aberta?

Desde o início do ano passado, como o objetivo de reduzir a violência social, a Casa Aberta começou a funcionar em um prédio na Rua da Assembleia, 11, no Centro de São Paulo. O projeto, que visa a redução da violência social, começou a funcionar em um prédio na Rua da Assembleia, 11, no Centro de São Paulo. O projeto, que visa a redução da violência social, começou a funcionar em um prédio na Rua da Assembleia, 11, no Centro de São Paulo.



Fotos de André D'Avila



Os menores, lá fora, vivem. Aí, dentro, vivem.

Quando foram criadas as duas primeiras Casas Abertas, em 1987, o projeto era apenas um programa de redução da violência social. Mas, ao longo do tempo, o projeto foi se tornando um espaço de convivência familiar, onde os meninos e meninas vivem e trabalham sem a interferência da polícia.

Quando foram criadas as duas primeiras Casas Abertas, em 1987, o projeto era apenas um programa de redução da violência social. Mas, ao longo do tempo, o projeto foi se tornando um espaço de convivência familiar, onde os meninos e meninas vivem e trabalham sem a interferência da polícia.

Quando foram criadas as duas primeiras Casas Abertas, em 1987, o projeto era apenas um programa de redução da violência social. Mas, ao longo do tempo, o projeto foi se tornando um espaço de convivência familiar, onde os meninos e meninas vivem e trabalham sem a interferência da polícia.

O boletim de ocorrência do 4º Distrito Policial deu origem ao inquérito que levou à criação da Casa Aberta. O projeto foi criado em 1987, com o objetivo de reduzir a violência social.

O boletim de ocorrência do 4º Distrito Policial deu origem ao inquérito que levou à criação da Casa Aberta. O projeto foi criado em 1987, com o objetivo de reduzir a violência social.

O boletim de ocorrência do 4º Distrito Policial deu origem ao inquérito que levou à criação da Casa Aberta. O projeto foi criado em 1987, com o objetivo de reduzir a violência social.

Em 28 de outubro de 1987, o menor V.F., de 16 anos, foi preso em flagrante quando tentava furtar um aparelho de som da loja de eletrônicos do menor, conhecido como "A Casa Aberta". Com o menor, foi encontrada uma porção de maconha.

Em 28 de outubro de 1987, o menor V.F., de 16 anos, foi preso em flagrante quando tentava furtar um aparelho de som da loja de eletrônicos do menor, conhecido como "A Casa Aberta". Com o menor, foi encontrada uma porção de maconha.

Em 28 de outubro de 1987, o menor V.F., de 16 anos, foi preso em flagrante quando tentava furtar um aparelho de som da loja de eletrônicos do menor, conhecido como "A Casa Aberta". Com o menor, foi encontrada uma porção de maconha.

Na sexta-feira, 27, segundo ele, a instituição não recebeu C\$ 37.000,00 mensais por esse trabalho. A Casa Aberta tem tudo para dar certo. A única questão é não ter o apoio da população e da polícia.

Na sexta-feira, 27, segundo ele, a instituição não recebeu C\$ 37.000,00 mensais por esse trabalho. A Casa Aberta tem tudo para dar certo. A única questão é não ter o apoio da população e da polícia.

Na sexta-feira, 27, segundo ele, a instituição não recebeu C\$ 37.000,00 mensais por esse trabalho. A Casa Aberta tem tudo para dar certo. A única questão é não ter o apoio da população e da polícia.

Um outro educador queixou-se da burocracia excessiva, que atrapalha o desenvolvimento do programa, e disse que o projeto não tem a participação da população. A Casa Aberta tem tudo para dar certo. A única questão é não ter o apoio da população e da polícia.

Um outro educador queixou-se da burocracia excessiva, que atrapalha o desenvolvimento do programa, e disse que o projeto não tem a participação da população. A Casa Aberta tem tudo para dar certo. A única questão é não ter o apoio da população e da polícia.

Um outro educador queixou-se da burocracia excessiva, que atrapalha o desenvolvimento do programa, e disse que o projeto não tem a participação da população. A Casa Aberta tem tudo para dar certo. A única questão é não ter o apoio da população e da polícia.

Marcel Aquino

Cipriano, o homem que mora numa cadeira. — 25 de abril de 1988.

Sábado-feira, 25-4-88

General

CIDADE

CIPRIANO, O HOMEM QUE MORA NUMA CADEIRA.

"mudeu" para um novo endereço: a esquina da avenida Rio Branco com rua Vitória. E vive conformado, apesar da chuva e do barulho.

Cipriano Samuel, do Nascimento não paga aluguel, não sabe o que é IPTU e não está preocupado com os aumentos das tarifas de água e luz: há dois meses, ele está morando em pleno centro urbano da avenida Rio Branco, esquina com rua Vitória, no centro da cidade.

Este verdadeiro "sem-teto" conta que, desde a sua chegada a São Paulo — vindo de Bom Sucesso (RJ) —, há 27 anos, já trabalhou como músico, alfaiate, pedreiro e

olheiro. Hoje, aos 48 anos, Cipriano diz que a única saída que encontrou foi morar na rua.

— Eu já tive um terreno em Guaiabases, onde construí um barraco e morei por oito meses. Mas, como atrasei a prestação, o terreno e o barraco acabaram sendo tomados.

Instalado no sol do fim de tarde em uma poltrona semidestruída, ele parece conformado com os desconfortos de sua maneira de viver. "Já estou acostumado com o

barulho dos carros e ao choro, enquanto uns plásticos ali", diz Cipriano, apontando para um carrinho onde guarda seus pertences. E nem o risco de ser removido a qualquer momento é capaz de preocupá-lo.

— Eu estava na Consolação, fui "despedido" e vim para a Rio Branco. Mas os "homens" sabem que não adianta: eles me "despedem" e eu acabo voltando ou indo para outro lugar.

Cipriano explica que comida não é problema, pois ele a consegue pedindo nos restaurantes e nas casas. E, ditinho, necessário "só para o cafézinho", ele diz obter de alguns amigos. Sua única queixa é com relação à solidão, pois o tipo de vida que leva não permite que ele tenha uma companhia. O mineiro lembra que, em Bom Sucesso, onde nasceu, é comum um homem chegar aos 40 anos sem conhecer mulher.

— Mulher é bom para efeito de satisfação, mas isso é para quem pode: quem não pode, vai levando como dá.

A única mulher de sua vida, sua mãe, vive em sua cidade-mãe, e ele não a vê há doze anos: "Eu tenho saudades dela, e também de meus dois irmãos, que nem sei onde andam", diz Cipriano.

Saudades

Mas se não se preocupa com o futuro, sobre o qual não alimenta grandes expectativas, Cipriano afirma sentir "muitas saudades" do tempo em que "dava canjas"

nas boates, tocando clarinete. "Era bom, eu tocava boiote, samba e valsa, muita coisa do Zequinha de Abreu. Eu gostava muito". Outra coisa de que ele gostava nessa época, era de beber: por causa do vício, acabou perdendo seu instrumento.

— Numa pedeleira que tomei, acabaram me roubando o clarinete e meu palete. Depois daquilo, nunca mais toquei, e nem bebi — recorda.

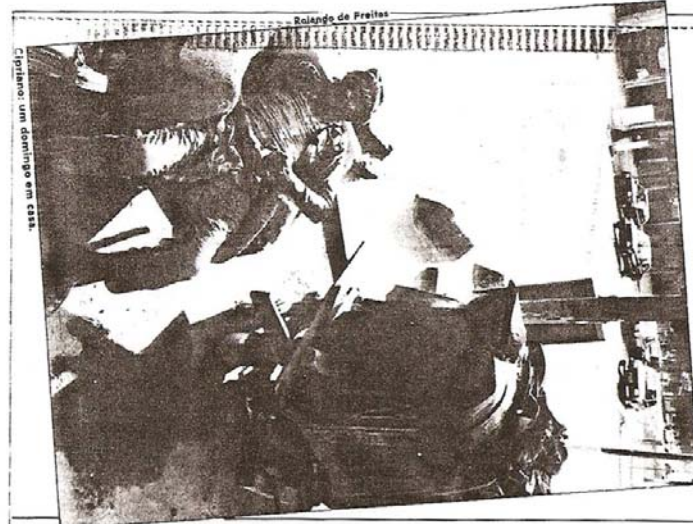
Cipriano conta que, no final da década de 70, chegou a aprender o ofício de alfaiate — até hoje realiza alguns trabalhos, apresentando, como prova disso, uma tesoura e alguns retalhos costurados. Ele diz acreditar em Deus, que é, em sua definição, "o sumo do universo, aquele que controla os cérebros humanos", e afirma gostar muito de futebol, embora não torça por nenhum time "em especial". E, talvez por viver na rua, ele parece bem informado.

— Sei que o governador é Orestes Quercia e o prefeito é João Quadros. Eu nunca votei, acho o acomodado, sossegado. Acho que um prefeito tem que "bolar pra quebrar".

Cipriano tem uma cicatriz enorme no nariz — resultado de um golpe de uma navalhada quando dormia de bruços de um vitralho. "O sujeito deu o golpe enquanto eu dormia, então não fiquei assim. Esse é o meu problema de se levar essa vida, mas o que se vai fazer, não é?", conclui, sorrindo.

Marcel Aquino

JORNAL DA TARDE — 11



Cipriano: um domingo em casa.

Aulas para uma difícil profissão: palhaço. — 17 de maio de 1988.

Arnaldo Fiaschi



Val se prepara: a maquiagem...



...tem de ser importada ou...



...então improvisada pelo próprio palhaço.

Aulas para uma difícil profissão: palhaço.

Há dez anos, Edson de Mello e Val de Carvalho resolveram ganhar a vida fazendo exatamente aquilo que gostam: provocar risos e divertir as pessoas. Mas eles descobrem que, ao contrário do que muita gente pensa, as gargalhadas terminam sempre no palco e, fora dele, a vida de palhaço é muito difícil. Especialmente no Brasil.

Mesmo assim, depois de uma temporada de quatro anos na Bahia, o casal está de volta a São Paulo e pretende ensinar sua arte aos interessados, ou seja, formar novos palhaços. Para isso, vão orientar as aulas da oficina de circo-teatro que o Sesc-Pompéia promove de 19 a 21 de maio na rua Clélia, 93. O palhaço Dimello — como Edson, 32 anos, é conhecido — diz que essa é a única maneira de formar novos profissionais:

— Os palhaços antigos sempre se fecharam em si e não tinham preocupação de ensinar suas técnicas a outras pessoas. Os cursos são a única forma de não permitir que a profissão desapareça.

Val de Carvalho, 30 anos, conta que as dificuldades são muitas e que, no seu caso, começaram quando ela optou pela profissão. Filha caçula de uma família nordestina, sua atuação como palhaço nunca provocou risos nos pais. Só trouxe preocupação:

— Até hoje eles não aceitam essa escolha, pois eu fui a filha que mais teve chance de estudar e já trabalhava em escritório quando resolvi ser artista. Eles ainda acham que a minha vida aludou.

O casal começou a carreira na Academia Piolin, onde teve contato com palhaços famosos como Picolino, Pingüim e Savala. E nem a falência da academia — prenúncio da instabilidade da profissão — conseguiu desestimular os dois:

— A academia fechou por falta de verba e apoio. Mas aí nós já estávamos fazendo espetáculos de rua e resolvemos continuar — recorda Val.

Televisão

Entre as dificuldades da profissão, Edson destaca os materiais de maquiagem, quase sempre fabricados pelos próprios palhaços ou então importados. "Além disso, no circo, a formação é sempre passada de pai para filho, sem abertura para outras pessoas", afirma. Ele diz que a televisão agravou ainda mais as condições de sobrevivência dos circos, obrigando os palhaços a procurar outros campos de trabalho:

— A saída foi partir para a animação de festas, opção feita por muitos profissionais.

maís. Atualmente cobramos Cz\$ 10 mil pela participação da dupla como animadores.

Em seus cursos, Edson e Val procuram passar toda sua técnica aos candidatos a palhaços, desde tombos engraçados até posturas cênicas, passando por exercícios que visam vencer as dificuldades dos alunos.

E apesar dos risos que provoca, a profissão de palhaço é tão séria que, mesmo quando passa por crises conjugais, o casal é obrigado a superar as diferenças no palco e simular alegria. "O palhaço, na realidade, ri da própria desgraça", analisa Edson.

Para os dois, o principal material de trabalho dos palhaços é a própria realidade, com os atores ridicularizando as situações formais do dia-a-dia, a começar dos cumprimentos: E, se nos lábios do palhaço está constantemente pintado um sorriso, seu olhar costuma mostrar uma certa tristeza. Para Edson, isso talvez simbolize a situação atual dos artistas, cheia de dificuldades. Para Val, felicidade é estar num palco, quando tudo é gratificante e é possível esquecer quanto é difícil ser artista num país como o Brasil:

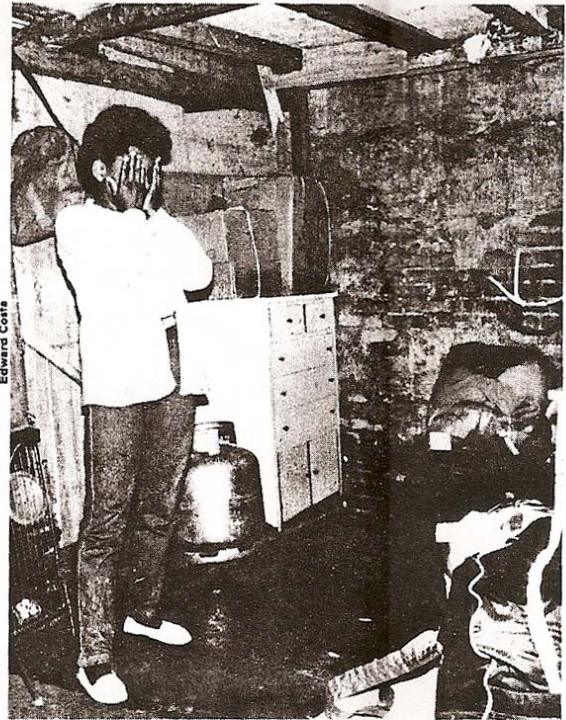
— Vamos ver até onde a gente tem gás para continuar.

Marcel Aquino

Começa a remoção. Com queixas. — 27 de maio de 1988.



Jardim São Nicolau: casas de alvenaria.



Favela JK: barracos apertados.

Começa a remoção. Com queixas.

Ivan Soares Pereira, 28 anos, e sua esposa Irene Gonzaga Pereira, 38, estavam bastante apreensivos na manhã de ontem: o casal e seus três filhos faziam parte da relação das famílias que seriam removidas pela Prefeitura da favela da avenida Juscelino Kubitschek. A operação de retirada começou às 7h30 e envolveu, além de soldados da Polícia Militar, cerca de 80 funcionários municipais e 50 caminhões.

O destino de Ivan, Irene e seus filhos — como a maioria das famílias desalojadas — era o conjunto São Nicolau, na divisa com Santo André. E justamente isso preocupava o casal: Irene disse que, se pudesse escolher, preferia voltar para Alagoas, mas lá seria impossível sobreviver. Seu marido, morador da favela há nove anos, afirmou que saía por não ter outra opção e queixou-se do local da transferência:

— Vimos a casa e gostamos, mas lá não existem esgotos, água ou luz. O secretário Alex Freua Neto prometeu as ligações em 15 dias, mas não acreditamos.

Outra pessoa que se queixava do secretário dos Negócios Extraordinários da Prefeitura era Maria Margarida Diniz, presidente da Associação dos Moradores da favela JK. Segundo ela, Freua Neto teria garantido que as ligações de água, luz e esgoto estavam sendo executadas, o que não aconteceu:

— Ele disse que a Prefeitura oferecia casas dignas, mas, na situação do conjunto

habitacional, todos acabarão doentes.

Para Margarida, a retirada da favela vai ser usada "para lançar a candidatura do prefeito Jânio Quadros à Presidência da República", e por isso perguntava: "Será que os pobres têm que sofrer por isso?" O advogado da associação, Guilherme Ramalho Neto, tentou suspender a remoção, impetrando mandado de segurança junto à 4ª Vara da Fazenda Municipal, mas o juiz negou a concessão de liminar:

— Tentamos parar a retirada até que houvesse um mínimo de infra-estrutura no conjunto São Nicolau. Mas prevaleceu a decisão do juiz.

Água e esgoto

O secretário Alex Freua Neto, que acompanhou os trabalhos de remoção das famílias, parecia satisfeito. Ele garantiu que entregará a área da favela ao prefeito no dia 15 de junho, afirmando que "ninguém vai parar o progresso de uma cidade como São Paulo". Segundo Freua Neto, as 80 famílias — "removidas sem auxílio da polícia" — ainda vão agradecer quando descobrirem a valorização da área do conjunto São Nicolau. E assegurou que a rede de esgotos já está assentada:

— Água, luz e esgotos são agora um problema do governo estadual, a quem cabe a ligação — afirmou o secretário.

Os órgãos do governo estadual, contudo, contestaram as declarações de Freua

Neto. A assessoria de imprensa da Sabesp informou que no local não existe rede de água e os esgotos estão ainda na fase inicial de assentamento por parte da Cohab, a quem cabe a execução de ambas as redes. Eliseu Gabriel, chefe do departamento de Programas Sociais da Eletropaulo, afirmou que somente na última terça-feira foi pedida pela Cohab a ligação de energia elétrica para o conjunto. Segundo ele, "isso é uma irresponsabilidade, pois esse processo demora em média 90 dias e envolve estudos de avaliação e ampliação da rede. Mas a Eletropaulo vai tentar reduzir esse prazo por tratar-se de um problema emergencial".

E, para complicar a situação, houve invasão na área do conjunto São Nicolau: 18 casas foram ocupadas por moradores de outras favelas da cidade. Raimunda Almeida da Silva, uma das invasoras, disse que todos estão dispostos a comprar as casas, porque temem a ameaça de expulsão que está sendo feita pela Guarda Metropolitana. Para ela, o conjunto é bastante precário, com banheiros comunitários imundos, falta de água e luz:

— Mesmo assim, por não ter para onde ir, todos querem ficar com as casas invadidas. Tanto que ninguém sai de casa, com medo de que a Guarda Metropolitana retire os móveis e objetos, fazendo a expulsão — afirmou Raimunda.

Marçal Aquino

Trecho de “Novas cartas paraguaias” – de *O amor e outros objetos pontiagudos* (1999)

Uma vez, Sottomayor e Teresa passaram horas espremidos dentro de um baú de roupas sujas num porão, enquanto soldados chilenos vasculhavam a parte de cima da casa à procura dos dois.

Já vi Teresa contar essa história uma porção de vezes. É sempre igual: Sottomayor se mantém calado, de cabeça baixa, e ela relembra a cena, transmitindo aos ouvintes, com os olhos verdes arregalados, o pavor que sentiram. Teresa diz que o baú era apertado até mesmo para uma criança e não sabe explicar como conseguiram ficar lá dentro até a patrulha encerrar a revista à casa. Nesse trecho da narrativa, é comum Sottomayor levantar a cabeça e olhar para Teresa com uma expressão de cão tímido. Ela faz uma pausa, retribui o olhar, e depois prossegue falando. Diz que teve a sensação de que ficaram dias dentro do baú, sem poder se mexer. De acordo com Teresa, depois que os soldados partiram, ela e Sottomayor tiveram de ser retirados do baú pelos moradores da casa, pois os músculos estavam tão contraídos que os dois não conseguiam se mover.

Nesse momento, alguém, em geral uma das mulheres, Augusta ou Vanda, comenta que não sabe se teria suportado passar por esse tipo de experiência. Teresa diz que essa cena volta com frequência em seus pesadelos e que até hoje lembra com nitidez os corpos encharcados de suor. Conta que estava com a cabeça encostada no peito de Sottomayor e ouvia seu coração batendo acelerado. E que não vai se livrar dessa lembrança até morrer.

Teresa termina a história e as pessoas aproveitam para acender cigarros e ficam em silêncio por alguns instantes, como se existisse uma escala de horror e cada um estivesse refletindo sobre o grau de medo que sentiria se tivesse de viver uma situação semelhante. A conversa só é retomada quando Teresa oferece mais vi-

Trecho de “Partilha 1” – de *O amor e outros objetos pontiagudos* (1999)

Eu estava na merda.

Tinha saído no indulto de fim de ano, na véspera de Natal, à tarde. Com a roupa do corpo e mais uma sacola com três camisas, duas calças, uma camiseta, cuecas e uma Bíblia resumida, presente dos evangélicos.

Fazia seis anos que eu não via a rua. A cidade estava mudada, carros diferentes, gente com roupas e cabelos esquisitos. Até os cheiros estavam estranhos.

Eu não tinha muito dinheiro e precisava entrar num esquema bem rápido, se não quisesse me foder mais rápido ainda. Reintegração na sociedade. Sei.

Nos primeiros três anos, alguns amigos apareciam para saber se eu estava precisando de alguma coisa: cigarro, roupa, um recado para ser levado para fora. Mas depois as visitas foram diminuindo, até pararem por completo. Nessas horas é que você vê se tem amigos de verdade. Eu não tinha.

Me informei num bar e peguei um ônibus. E fiquei olhando o trânsito pela janela, para não ter que encarar ninguém. Tive a impressão de que os outros passageiros me observavam com curiosidade. Eu devia estar com cara de mofo.

Pessoas andavam apressadas nas calçadas, carregando embrulhos e caixas. Eu tinha me prometido uma mulher para a hora que saísse, tipo primeira coisa a fazer, mas já dava para ver que isso não ia acontecer. Quando passamos na Juscelino, notei que tinham dado sumiço na favela, coisa que eu li no jornal na época, mas nem me lembrava mais. No lugar, túneis e uma rua bonita, larga, cheia de carros. Vacilasse e era capaz de eu me perder ali se estivesse andando a pé.

Saltei no ponto final e subi a ladeira, olhando o amontoado de casas de madeira, que parecia ter aumentado. Um cachorro ma-

Trecho de “Boi” – de *Famílias terrivelmente felizes* (2003)

Boi

Não era gordo. Estava sempre inchado – de cachaça e das bordoadas da vida. Daí o apelido: Boi.

Enquanto se aquecia num sol ralo, espiava a construção de madeira criteriosamente encravada no alto, sob o viaduto. Era o barraco do Eraldo. Tão bem feito que podia ser chamado de casa.

Boi tossiu, estava ficando gripado. Para piorar, a noite fora gelada, com direito a garoa e vento. O inverno, impaciente, já mostrava as garras. E era só comecinho de maio. Boi escarrou.

Ele se virava com papelões, sob a marquise de um banco, ficando exposto a tudo e a todos. E, às seis da manhã, precisava cair fora, inclusive aos sábados: o pessoal da faxina nunca se atrasava. Entre eles havia um grandalhão que já chegava jogando água para lavar a frente do prédio. Parecia sentir prazer em fazer isso, o puto. Boi achava que, daquele jeito, não agüentaria outro inverno. A verdade é que estava ficando velho.

Nesse momento, a porta do barraco foi aberta e Eraldo esgueirou-se para fora. Esticou os braços, as pernas, espreguiçou-se. Boi notou que ele vestia um pijama. Eraldo voltou para dentro por uns segundos

Trecho de “Onze jantares” – de *Famílias terrivelmente felizes* (2003)

Onze jantares

I. A TARDE, COMO APERITIVO

Ele e ela estavam deitados na cama há um bom tempo. Ambos vestidos e em silêncio. E nem o disco na vitrola, que chegara ao fim e continuava girando, produzindo aquele ruído característico, parecia incomodá-los.

Ela olhava para o teto do quarto. E ele, deitado de lado, olhava a janela. O lustre, as manchas provocadas pela umidade e os desenhos do papel de parede, era o que ela via com seus olhos castanhos. Ele procurava uma nuvem no pedaço de céu visível, mas a tarde estava enfumaçada, branca.

Ela, num gesto estudado e lento, acendeu um cigarro e soprou a fumaça para o alto, demoradamente. Ele, que estava tentando deixar de fumar, levantou-se e foi até o banheiro, onde continuou tentando localizar uma nuvem no céu.

Ela, do quarto, disse alguma coisa que ele não ouviu direito. E continuou olhando pelo vitrô do banheiro sem responder.

Ele voltou ao quarto e permaneceu em pé, olhando a moça que fumava na cama, e pensou que seria bom se ela fosse a nuvem que ele estava tentando ver, em